

Prefácio

Desirée Nobre¹

Este dossiê é fruto de uma proposta lançada ao Departamento de Museologia da Universidade Lusófona, como forma de ampliar – ainda mais – a reflexão que tem sido desenvolvida acerca da Acessibilidade Cultural e a sua relação com a Sociomuseologia. A partir da criação do grupo de estudos pós-graduados “Sociomuseologia e Acessibilidade Cultural”, que iniciou seus trabalhos como um coletivo de investigadoras do curso de Mestrado e Doutorado em Museologia da Universidade Lusófona (ULusófona), integrado à Cátedra UNESCO “Educação, Cidadania e Diversidade Cultural”, e com o apoio do Departamento de Museologia, muitas questões foram levantadas sobre a invisibilidade desta pauta em discussões interseccionais, dentro e fora do Departamento.

E foi justamente no contexto de sala de aula online, em fevereiro de 2021, durante a pandemia de Covid-19, que no decorrer da apresentação da Cátedra UNESCO “Educação, Cidadania e Diversidade Cultural” pela professora Doutora Judite Primo, através de um desafio lançado por mim e pela Roberta Gonçalves que foi aberto este espaço para a criação de um coletivo.

Intitulado de Sociomuseologia e Acessibilidade Cultural, desde a sua fundação, o grupo tem como principal objetivo a discussão emergente acerca do capacitismo e das acessibilidades nos museus e demais iniciativas museológicas e museográficas.

Desde o princípio, a iniciativa do grupo buscou intercâmbio de conhecimentos e boas práticas no contexto Ibero-Americano, nomeadamente entre Brasil e Portugal, uma vez que grande parte das pessoas investigadoras no Departamento de Museologia da ULusófona são brasileiras.

Os encontros mensais trazem como proposta a discussão reflexiva e dialógica acerca da acessibilidade, da inclusão, da equidade e da interseccionalidade no âmbito da Museologia, sobretudo na perspectiva da Escola de Pensamento da Sociomuseologia.

Busca-se conhecer boas práticas de diferentes ambientes culturais em âmbito nacional e internacional, por meio de documentos de referência, estudos de caso, discussões e palestras com convidados que contribuem com o arcabouço teórico do grupo.

Os encontros online, mensais, são abertos a todas as pessoas interessadas em participar, tenham elas conhecimentos sobre a temática, ou não.

Importa referir ainda as atividades práticas organizadas pelo grupo Sociomuseologia e Acessibilidade Cultural, que foram cinco #MusaFórum com convidados com deficiência do Brasil

¹ Doutoranda em Museologia com Bolsa de Investigação da Cátedra UNESCO “Educação, Cidadania e Diversidade Cultural” – ULusófona. Bolseira FCT no âmbito do programa *Ciência do Património Cultural* (Ref. PRT/BD/155005/2023) e investigadora não doutorada do CeIED - Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento. Mestre em Memória Social e Património Cultural e Bacharel em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de Pelotas. Coordenou o grupo de estudos pós-graduados “Sociomuseologia e Acessibilidade Cultural” (2021 – 2023). <https://orcid.org/0000-0002-8456-8255>, dnobre.ufpel@gmail.com

e de Portugal; visitas de estudo a museus portugueses que são considerados referência na área das acessibilidades e eventos em parceria com o Departamento de Museologia.

Assim, como forma de ampliar ainda mais esta pauta na Sociomuseologia, este primeiro dossiê sobre a temática da Acessibilidade Cultural nos *Cadernos de Sociomuseologia*, tem por objetivo preencher algumas lacunas iniciais debatidas nos encontros do grupo e nas atividades práticas, bem como servir de subsídio para quem está começando a se aproximar dos conceitos relacionados à Acessibilidade Cultural. Desta forma, o dossiê é composto por nove artigos que contemplam a pluralidade do conceito, em diferentes contextos de aplicação, discutindo casos e refletindo teorias.

Augusto Deodato Guerreiro abre este dossiê falando-nos acerca da cultura da equidade como uma expressão aglutinadora de sensibilidades e de realizações para o bem-estar das pessoas. O autor destaca a importância de semear formas saudáveis de pensar e atuar com liberdade na interação social fomentando a cultura da equidade, destacando que é preciso ter sensibilidade, pesquisar e investigar, estudar e saber transmitir. Após uma reflexão aprofundada, Guerreiro aponta que não há nada de grande e digno no mundo que se possa cumprir sem paixão.

A seguir, Patrícia Roque Martins explora algumas inquietações e valores que a fazem refletir sobre a construção do conhecimento científico em Museologia e sobre a natureza do significado cultural da deficiência. Para tal, a autora relata parte da sua história de vida e da relação com o seu pai, revelando o processo dele em tornar-se uma pessoa com deficiência. O relato, sustentado por referenciais teóricos, reflete no percurso acadêmico e na relação da autora com os estudos sobre deficiência, trazendo importantes contribuições para as representações culturais da deficiência nos museus portugueses.

O texto colaborativo de Patrícia Dorneles e Cláudia Reinoso faz um levantamento acerca das políticas públicas culturais de base comunitária no Brasil e da Agenda 2030, relacionando-as com relevância da luta anticapacitista. As autoras provocam ainda uma reflexão acerca de como a Sociomuseologia pode contribuir enquanto aliada na promoção da cidadania cultural para as pessoas com deficiência.

Desirée Nobre apresenta o conceito de Comunicação Equitativa evidenciando-o num exemplo concreto com o livro multiformato do Museu da Comunidade Concelhia da Batalha, onde a inclusão e a igualdade de oportunidades são vetores fundamentais para o desenvolvimento de um museu de/para todos.

O artigo de Célia Sousa aborda a comunicação como um processo de interação que influencia diretamente no comportamento das pessoas. Para tal, a autora apresenta alguns projetos desenvolvidos pelo Centro de Recursos para a Inclusão Digital (CRID[®]) realizados na região de Leiria.

Carla Grião apresenta uma reflexão sobre os estudos sobre deficiência a partir de uma abordagem que utiliza os estudos das Ciências, Tecnologias e Sociedades (CTS), baseando-se num caso advindo de uma entrevista realizada com um poeta português e consultor de acessibilidade que tem baixa visão.

A contribuição de Roberta Fagundes Gonçalves discorre sobre o recurso de audiodescrição como um meio para a fruição estética e para o atravessamento das barreiras comunicacionais nos espaços de cultura e museus. O artigo apresenta os princípios básicos da audiodescrição, seguido de relato de uma visita mediada com a utilização deste recurso, no Museu Geológico de Lisboa, no âmbito de uma parceria da exposição “Stone Alive. Uma interpretação Cultural da Pedra” e do Curso de Introdução à Audiodescrição em Museus.

O texto de Joana Sousa elucida sobre as diferentes barreiras históricas enfrentadas pela comunidade surda portuguesa para garantir o seu acesso à fruição cultural, nomeadamente aos museus. A autora faz ainda um levantamento sobre os museus portugueses que disponibilizam recursos inclusivos para a comunidade surda, revelando que estes não chegam a uma centena.

Viviane Sarraf apresenta convergências entre o pensamento de Waldisa Russio com a Acessibilidade Cultural e a Sociomuseologia. Após uma introdução sobre a museóloga brasileira,

pioneira nas proposições teóricas e projetos museológicos acessíveis a pessoas com deficiência e públicos em situação de vulnerabilidade social, a autora aborda a proposta-projeto de Museu da Criança, desenvolvida por Russio, relacionando-a com a gênese das ações empíricas acessíveis sobre os direitos culturais das pessoas com deficiência na obra de Waldisa. O artigo finaliza abordando as pessoas profissionais de museus como trabalhadores sociais, aproximando o pensamento de Waldisia Russio com a Sociomuseologia.

Por fim, agradecemos a todas as autoras e o autor que aceitaram o convite para compor esta publicação e que acreditam na potencialidade da partilha do conhecimento.

Ressaltamos a importância de uma Museologia que seja anticapacitista e que saiba que a acessibilidade não se faz apenas com recursos inclusivos, mas sim **COM PESSOAS**, proporcionando encontros, respeito, afetos e múltiplas experiências...

É, no sentido mais amplo da expressão, VIVER UMA EXPOSIÇÃO (ou um museu). Destacamos aqui as palavras de Camila Alves, mediadora com deficiência visual, que ao falar sobre a importância do acolhimento e da relação entre as pessoas, ressalta que a experiência de tocar o outro torna-se um ato político.

Que possamos tocar/afetar cada vez mais pessoas e, juntos, levantarmos a bandeira por uma sociedade onde os museus são cada vez mais inclusivos, respeitando a diversidade humana. Acessibilidade não é favor...é um direito.

Desejamos uma ótima leitura e que a partir destes artigos, novas possibilidades, novos caminhos e novas parcerias possam surgir.

Preface

Desirée Nobre¹

This dossier is the result of a proposal launched to the Department of Museology at Universidade Lusófona, as a way of expanding - even further - the reflection that has been developed on Cultural Accessibility and its relationship with Sociomuseology. Since the creation of the postgraduate study group "Sociomuseology and Cultural Accessibility", which began its work as a collective of researchers from the Master's and PhD courses in Museology at Universidade Lusófona (ULusófona), as part of the UNESCO Chair "Education, Citizenship and Cultural Diversity", and with the support of the Museology Department, many questions have been raised about the invisibility of this issue in intersectional discussions, both inside and outside the Department.

And it was precisely in the context of the online classroom, in February 2021, during the Covid-19 pandemic, that during the presentation of the UNESCO Chair "Education, Citizenship and Cultural Diversity" by Professor Judite Primo, through a challenge launched by myself and Roberta Gonçalves, this space was opened for the creation of a collective.

Entitled Sociomuseology and Cultural Accessibility, since its foundation, the group's main objective has been the emerging discussion about empowerment and accessibility in museums and other museological and museographic initiatives.

From the outset, the group's initiative sought to exchange knowledge and good practices in the Ibero-American context, particularly between Brazil and Portugal, since most of the researchers in the Department of Museology at ULusófona are Brazilian.

The monthly meetings propose a reflective and dialogical discussion about accessibility, inclusion, equity and intersectionality in the field of Museology, especially from the perspective of the School of Thought of Sociomuseology.

The aim is to learn about good practices in different cultural environments at national and international level, through reference documents, case studies, discussions and lectures with guests who contribute to the group's theoretical framework.

The monthly online meetings are open to anyone interested in taking part, whether they have any knowledge of the subject or not.

It is also worth mentioning the practical activities organized by the Sociomuseology and Cultural Accessibility group, which included five #MusaFórum with disabled guests from Brazil and Portugal; study visits to Portuguese museums that are considered benchmarks in the area of accessibility and events in partnership with the Museology Department.

So, as a way of further broadening this agenda in Sociomuseology, this first dossier on the theme of Cultural Accessibility in *Cadernos de Sociomuseologia* aims to fill in some of the initial gaps discussed in the group's meetings and practical activities, as well as serving as a subsidy for those who are beginning to approach the concepts related to Cultural Accessibility. As such, the dossier is made up of nine articles that look at the plurality of the concept, in

¹ PhD student in Museology with a research grant from the UNESCO Chair "Education, Citizenship and Cultural Diversity" - Ulusófona. FCT scholarship holder under the *Cultural Heritage Science* program (Ref. PRT/BD/155005/2023) and non-doctoral researcher at CeIED - Centre for Interdisciplinary Studies in Education and Development. She holds a Master's degree in Social Memory and Cultural Heritage and a Bachelor's degree in Occupational Therapy from the Federal University of Pelotas. She coordinated the postgraduate study group "Sociomuseology and Cultural Accessibility" (2021 - 2023).
<https://orcid.org/0000-0002-8456-8255> dnobre.ufpel@gmail.com

different contexts of application, discussing cases and reflecting on theories.

Augusto Deodato Guerreiro opens this dossier by telling us about the culture of equity as an expression that brings together sensitivities and achievements for people's well-being. The author highlights the importance of sowing healthy ways of thinking and acting with freedom in social interaction, fostering a culture of equity, emphasizing that it is necessary to have sensitivity, to research and investigate, to study and to know how to transmit. After an in-depth reflection, Guerreiro points out that there is nothing great and worthy in the world that can be accomplished without passion.

Next, Patrícia Roque Martins explores some concerns and values that make her reflect on the construction of scientific knowledge in Museology and on the nature of the cultural meaning of disability. To this end, the author recounts part of her life story and her relationship with her father, revealing his process of becoming a disabled person. The account, supported by theoretical references, reflects on the author's academic career and relationship with disability studies, making important contributions to the cultural representations of disability in Portuguese museums.

The collaborative text by Patrícia Dorneles and Cláudia Reinoso surveys community-based cultural public policies in Brazil and the 2030 Agenda, relating them to the relevance of the anti-capacity struggle. The authors also reflect on how sociomuseology can contribute as an ally in promoting cultural citizenship for people with disabilities.

Desirée Nobre presents the concept of Equitable Communication, highlighting it in a concrete example with the multi-format book of the Batalha Community Museum, where inclusion and equal opportunities are fundamental vectors for the development of a museum of/for all.

Célia Sousa's article looks at communication as a process of interaction that directly influences people's behavior. To this end, the author presents some of the projects developed by the *Centro de Recursos para a Inclusão Digital (CRID®)* in the Leiria region.

Carla Grião presents a reflection on disability studies from a Science, Technology and Society (STS) approach, based on a case from an interview with a Portuguese poet and accessibility consultant who has low vision.

The contribution by Roberta Fagundes Gonçalves discusses the use of audio description as a means for aesthetic enjoyment and for breaking down communication barriers in cultural spaces and museums. The article presents the basic principles of audio description, followed by an account of a guided tour using this resource at the Geological Museum of Lisbon, as part of a partnership between the exhibition "Stone Alive. A Cultural Interpretation of Stone" exhibition and the Introduction to Audiodescription in Museums course.

Joana Sousa's text sheds light on the different historical barriers faced by the Portuguese deaf community in guaranteeing their access to cultural enjoyment, particularly museums. The author also surveys the Portuguese museums that provide inclusive resources for the deaf community, revealing that there are not even a hundred of them.

Viviane Sarraf presents convergences between Waldisa Russo's thinking and Cultural Accessibility and Sociomuseology. After an introduction to the Brazilian museologist, a pioneer in theoretical propositions and museum projects accessible to people with disabilities and socially vulnerable audiences, the author discusses the Children's Museum proposal-project developed by Russo, relating it to the genesis of accessible empirical actions on the cultural rights of people with disabilities in Waldisa's work. The article ends by addressing museum professionals as social workers, bringing Waldisa Russo's thinking closer to sociomuseology.

Finally, we would like to thank all the authors who accepted the invitation to write this publication and who believe in the potential of sharing knowledge.

We emphasize the importance of a Museology that is anti-capacitist and that knows that accessibility is not only achieved with inclusive resources, but **with PEOPLE**, providing encounters, respect, affection and multiple experiences...

It is, in the broadest sense of the term, LIVING AN EXHIBITION (or a museum). Here we

would like to highlight the words of Camila Alves, a visually impaired mediator, who, when talking about the importance of welcoming and the relationship between people, emphasizes that the experience of touching others becomes a political act.

May we touch more and more people and, together, raise the banner for a society where museums are increasingly inclusive, respecting human diversity. Accessibility is not a favor... it's a right.

We hope you enjoy reading these articles and that new possibilities, new paths and new partnerships can emerge from them.